



INFORMASSAN

COMIDA É PATRIMÔNIO: TERRITÓRIOS DO VIVER, PRODUZIR E COMER



apoio:
IBIRAPITANGA

CULTURA, BIODIVERSIDADE E SOBERANIA ALIMENTAR NA BOCA DO POVO

Incluir em nossos debates contemporâneos a perspectiva da salvaguarda do patrimônio alimentar e da biodiversidade é princípio indispensável da defesa da soberania alimentar. Com este entendimento, o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN) promoveu duas atividades durante o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA). Com o lema “Agroecologia na Boca do Povo”, o CBA aconteceu em novembro de 2023 na cidade do Rio de Janeiro.

**O Cerrado e o Pantanal
estão pegando fogo. Muitas
diversidades vão se perder,
estão ameaçadas. Mas
também temos resistência.”**
(Cida - Mato Grosso)



**“Os quintais agroecológicos
e os bancos de sementes são
os guardiões da biodiversi-
dade. Esse é um anúncio.”**
(Madalena - Paraíba)

Como atividade prévia ao 12º CBA foi realizada a oficina **Significados da salvaguarda do patrimônio alimentar e da biodiversidade e sua relação com a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional**. Esta atividade foi uma iniciativa conjunta do FBSSAN com o Grupo de Estudos Sobre Sistemas Alimentares Latino-americanos no Marco das Mudanças Climáticas (SALA-Global) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da FIOCRUZ e o Centro Comunitário de Ação Comunitária (CEDAC). A oficina foi organizada com o intuito de gerar trocas de saberes e construção compartilhada de conhecimento, contando com a participação de cerca de 30 pessoas entre representantes de organizações da agricultura familiar, agroecologia e movimentos sociais, estudantes e pesquisadores do Brasil, da Cátedra de Segurança Alimentar da Universidade de Buenos Aires e do Instituto Nacional de Higiene e Epidemiologia e Microbiologia (INHEM) de Cuba.

Tendo como chamamento o tema **Comida é Patrimônio: territórios do viver, produzir e comer** foi realizada uma atividade autogestionada do 12º CBA que, partindo da vivência de Cartografia Afetiva, compartilhou histórias, experiências e reflexões da Campanha Comida é Patrimônio do FBS-SAN com intuito de apontar possibilidades de articulação e engajamento para a defesa da biodiversidade e da agroecologia como salvaguarda do patrimônio alimentar nos territórios e realidades. Estiveram presentes 27 participantes do Congresso oriundos de diversas partes do país.

A VIVÊNCIA DE UMA CARTOGRAFIA AFETIVA ATRAVÉS DO MAPA COMIDA É PATRIMÔNIO

O uso da cartografia afetiva e alimentar foi um ponto de convergência importante entre as duas atividades, destacando a potência desta metodologia por suscitar o interesse pela história da comida associada à construção de visões críticas acerca da perda dos alimentos, das sementes e das formas de produzi-los.

O uso de cartografia alimentar em territórios de atuação da União de Trabalhadores pela Terra (UTT) na Argentina foi compartilhado e experienciado na oficina pré-congresso permitindo identificar a fortaleza da reflexão sobre a alimentação através do tempo – o que se comia no passado e o que se come hoje. Um destaque importante da antropóloga Glória Sammartino foi a possibilidade de refletir sobre o poder das grandes corporações de alimentos relacionado à captura do paladar, ou seja, de apagar o gosto pela alimentação tradi-

cional em favor da imposição do gosto dos alimentos ultraprocessados. Por este motivo, encontra-se na cozinha um lugar de resistência e de luta que permite remorar receitas, sabores e significados da comida tradicional e ancestral.

Outro aspecto percebido como comum aos cenários brasileiro e argentino são as barreiras das normas sanitárias, que criam obstáculo à comercialização e consumo de alimentos de base familiar e tradicionais. Glória chamou a atenção para preparações à base de milho e mandioca que vêm deixando de fazer parte dos hábitos locais.

Cabe salientar que Maria Emília Pacheco, assessora da ONG FASE e integrante do FBSSAN, tem lembrado, ao longo dos quase dez anos da Campanha Comida é Patrimônio, sobre a necessária defesa do “direito ao gosto” e dos riscos da criminalização da cultura alimentar. O caminho da cozinha também tem sido apontado no âmbito da campanha que, não por acaso, inicia suas atividades lançando o Manifesto Colher de Pau .

Ao final das atividades, reafirmou-se a potência da cartografia como metodologia capaz de problematizar as diversas realidades dos territórios e do sistema alimentar hegemônico denunciando a desumanização da alimentação, os ataques à biodiversidade e as múltiplas tentativas de exaurir a cultura alimentar dos povos.

Com relação à experiência cubana, Yarisa Domínguez do INHEM, destacou a sensível e dedicada atuação nas escolas. O enfrentamento de questões como desperdício e promoção da alimentação saudável parte de diagnóstico minucioso de consumo alimentar, realizado no âmbito das ações de vigilância alimentar e nutricional. Outro aspecto destacado pela pesquisadora foi a convivência de Cuba com desastres climáticos (furacões, ciclones, tempestades, entre outros) que impactam a produção de alimentos e, em consequência, a alimentação.

Ressalta-se acerca disto, que a mapa físico e virtual da Campanha Comida é Patrimônio tem sido utilizado em escolas a partir do entendimento das grandes possibilidades de atuação nesse espaço.

“ O mais sagrado do ser humano é a alimentação.”

(Dona Miraci - Mato Grosso)

“A comida que alimenta também cura.”

(Carlos - Rio de Janeiro)

REGISTRAR, REFLETIR E AGIR: PROCESSOS DE RESISTÊNCIA

O contexto de avanço do agronegócio e outras atividades (como a mineração), que impõem maior velocidade às mudanças climáticas, combinado ao aumento da Insegurança Alimentar em toda a região latino-americana, nos convoca a pensar e registrar nossas formas de resistência.

Fome e insegurança alimentar foram destaques na fala argentina assim como nas reflexões apresentadas pelos demais participantes de ambas as atividades. Destaca-se a relevância de documento publicado em espanhol – e recentemente em português – denominado Atlas dos Sistemas Alimentares do Cone Sul.

Cabe destacar a importância desta iniciativa do SALA-Global de inserir a perspectiva da cultura alimentar nos debates de Soberania Alimentar da região, atuando com significados políticos e teóricos. Registra-se assim que parte da atuação se refere ao ativismo, mas que combina com a atuação acadêmica.

O Grupo de Estudos sobre Sistemas Alimentares Latino-americanos no marco da Mudança Global (SALA Global) é composto por aproximadamente 80 pesquisadores, vinculados a 24 instituições acadêmicas com sede em 11 países da América Latina. Foi criado em 2021 com a liderança da Fundação Oswaldo Cruz e tem como objetivo de analisar os principais determinantes associados às interfaces das crises alimentar e nutricional e climática em países da América Latina e a promoção de debates públicos acerca destes temas.

“Colocar a memória a serviço da política. Precisamos unir a Argentina, o Brasil, o Paraguai porque somos muitos. As grandes corporações já estão unidas.”

(Glória - Argentina)

“Temos que lutar juntos para enfrentar essa agricultura que destrói a vida.”

(Dona Miraci - Mato Grosso)

PARA CUIDAR DAS NOSSAS RESISTÊNCIAS E “OFENSIVAS CINTILANTES”

Diante dos desafios colocados, o depoimento de Tainá Marajoara nos convoca a “esperanças” quando nos convida a pensar que temos em curso não somente processos de resistências, mas também de uma “ofensiva cintilante” porque é preciso pensar que nosso objetivo tem ido além de defender as conquistas, mas também avançar na concretização de direitos.

Ao logo do texto destacamos denúncias e anúncios coletados durante as atividades que corroboram com esta mesma visão. Surgem dos territórios falas que consideramos verdadeiros “pensamentos pimenta”, capazes de incendiar nossos corações com ideias, esperanças e vontade de lutar.

“BASTA UMA ÚNICA BRASA, UM ÚNICO PENSAMENTO-PIMENTA...”

O escritor mineiro Rubem Alves compara as pimentas com as ideias porque ambas podem provocar um incêndio nos pensamentos, sem a necessidade de fogo. O pensamento-pimenta inspirou a criação de uma linguagem artística que associa o peso das palavras e o impacto das imagens para provocar a reflexão e iluminar os sentimentos e a ação. Os objetivos são estimular a população a repensar a relação com a comida de verdade; e reivindicar um sistema alimentar mais justo, equitativo, saudável, sustentável e solidário.

Ana Santos, agricultora urbana e coordenadora da CEM (Centro de Integração na Serra da Misericórdia) e Fran de Paula, quilombola e educadora da FASE Mato Grosso em diálogo com Vanessa Schottz – integrante do núcleo executivo do FBSSAN e da coordenação da Campanha Comida é Patrimônio – pontuaram ser fundamental que a luta pela realização do direito humano à alimentação precisa colocar no centro o enfrentamento do racismo que mantém a população negra, os povos indígenas e os povos e comunidades tradicionais em constante vulnerabilidade social e insegurança alimentar e nutricional. Em Memórias da plantação, Grada Kilomba, nos adverte que um dos pilares do racismo é, justamente, o contante processo de desumanização das pessoas negras. Nessa perspectiva, Fran destaca o potencial da Campanha, especialmente a partir do mapa, denunciar a criminalização dos modos de viver e produzir, vivenciada por estes povos nos territórios, a negação dos direitos à terra, ao território, às sementes e à sua reprodução social. Ao mesmo tempo, anunciar o protagonismo destes povos na conservação da sociobiodiversidade, na preservação das culturas e tradições e na produção de alimentos saudáveis.

O 12º CBA nos convidou a colocar a agroecologia na boca do povo e com essas duas atividades, o FBSSAN procurou contribuir para o registro de estratégias e metodologias que deem continuidade e consequência aos diálogos iniciados. Das memórias, afetos e realidades de nossos territórios brotam energia capaz de sustentar iniciativas muito poderosas. Partir da realidade deve incluir diagnósticos acerca das culturas alimentares como expressão concreta da defesa cotidiana da soberania alimentar.

Texto: Juliana Casemiro, Maria Emilia Pacheco Lisboa, Vanessa Schottz.

Coordenação editorial: Kaio Rodrigues

Projeto Gráfico e diagramação: DeLourenco

Financiamento e apoio: Instituto Ibirapitanga